

A RETIRADA
DOS DEZ MIL

XENOFONTE

A RETIRADA DOS DEZ MIL

Trad. e prefácio de
AQUILINO RIBEIRO

Introdução de
MÁRIO DE CARVALHO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

INTRODUÇÃO

OS GREGOS. A GUERRA. O MESTRE

Este é um dos mais movimentados e arrebatadores livros de acção que jamais se escreveram. Lê-se empolgadamente, como um romance de guerra. Trata de personagens, factos e locais verídicos, transfigurados (os especialistas dirão até que ponto) por uma pena ágil, de poderoso vigor expressivo.

É possível conceber todas estas extensões da Ásia percorridas por imensos exércitos, persas e gregos, como um esplendoroso território mágico. Desertos, rios, montes, campos, povos, nomes que ressoam, vibrantes ou sombrios, em reverberação exótica de mitos ancestrais, por mais que os sábios lhes queiram deslindar a verdade geográfica ou histórica. As moedas, medidas e alcances são referidas ora em termos persas, ora gregos. Parasangas, estádios e pletros marcam as distâncias. Correm avestruzes, ónagros, abetardas. Ocasões há em que falta mais o pão que a carne. Noutras, tudo falta. Das cumeadas dos cerros ou da margem oposta do rio ou pântano surgem hordas de povos estranhos de colorido aspecto. «— O Império dos meus pais, soldados — arengou Ciro o Jovem — estende-se para o Sul até uma zona vedada pelo calor tórrido de ser habitada pelo homem, para Norte a paragens também desertas por causa do frio rigoroso que lá reina; O Centro é governado por sátrapas, partidários todos de meu irmão. Eu só me quero convosco; se venço, quem há-de ir ocupar essas satrapias, se não vós»? Assim se persuadiram os soldados de fortuna gregos a alinhar, em massa, numa tentativa violenta de usurpação. Movia-os a pura cupidez, o ouro cantante, ao serviço de Ciro, o Jovem, sátrapa da Lídia de vinte e três anos, aspirante

ao trono do seu irmão mais velho, Artaxerxes II. De maneiras de ser opostas, segundo consideraram os antigos, tinham ambos em comum o serem completamente destituídos de escrúpulos. O Ciro que Xenofonte nos apresenta é um moço riquíssimo, desenvolto, habilidoso, bem-falante, valente e conhecedor da mentalidade grega e de como levá-la à certa. Noutra obra, também traduzida por Aquilino, o ateniense discorre sobre um ancestral homónimo deste mesmo Ciro, cognominado o Velho, ou o Antigo, adrede fantasiado, como expoente de um ideal helénico de educação do príncipe.

Arregimentados de início com o pretexto (logro meio executado, para dar mais firmeza à maquinação) de uma contenda local entre satrápias, os mercenários gregos acabaram por marchar sobre Babilónia e confrontar o desmedido e variegado exército de Artaxerxes.

Diz-se no remate do livro, porventura adicionado mais tarde, que percorreram mil cento e cinquenta e cinco parasangas (cada: 5520 m), e que a expedição durou quinze meses. Os estudiosos debatem, em pormenor miúdo, a cronologia e o itinerário. A retirada tornou-se inevitável, após a morte do mandante usurpador na batalha de Cunaxa, em lance temerário. Um dardo bem arremessado atingiu Ciro na face e o jovem príncipe teve morte imediata. Os gregos aguentaram firmes, senhores do terreno, mas, uma vez Ciro abatido, a vitória não lhes servia para nada. A marcha — progressão até Cunaxa, às portas de Babilónia e regresso pelas margens do Eufrates, montanhas do Curdistão, Arménia e Geórgia, com o sentido no Mar Negro — ficou na história como um dos mais celebrados feitos militares de todos os tempos.

Xenofonte, discípulo de Sócrates, de quem escreveu uma apologia, e sobre cuja figura discorre em *Os Memoráveis*, autor da *Kyropaideia* e de outros trabalhos históricos e, até, práticos (equitação), é sobretudo conhecido, fora dos meios especializados por esta *Anábase*, que Aquilino, em boa hora, traduziu entre nós por *A Retirada dos Dez Mil*. Foi ele um dos comandantes da marcha, após o assassinato à traição, pelos persas, das chefias anteriores.

Refere-se a si próprio sempre na terceira pessoa, aprimora os discursos, de acordo com as melhores regras da retórica e não resiste a auto-elogiar-se, tendo ocasião. Às vezes desvanece-se: «e foi um

triunfo para ele», chega a comentar com indisfarçada imodéstia. Simpatizante das oligarquias, não consegue ocultar a parcialidade pelos espartanos que irá marcar o resto da sua vida e a um preço caro. Para muitos leitores, a sociedade espartana corresponderá a um paradigma de horror e pesadelo. Descontemos, concedendo que o mundo helénico era, no geral, cruelmente escravista, e que esta obra trata, sobremaneira, de guerra, combates e violência.

Uma excepcional narrativa que encontrou a sorte dum grande tradutor. Magnífica conjunção esta, entre o desenvolto escritor grego e o eminente autor português que também, na juventude e nas circunstâncias lembradas no seu prefácio, com uma versão latina à mão, se abalçou à *Kyrokeidea*, a que chamou, evocando no título mais o espírito que a letra: *O Príncipe Perfeito*.

Sou dos que consideram Aquilino Ribeiro o maior e mais completo dos escritores portugueses do século xx. Vida aventureira e múltipla, numa afirmação de rija e digna cidadania, um exemplo de coragem e ativa resistência, e também uma presença tutelar e respeitada nos meios culturais de então. Na sua obra, releva o balanceio entre a cidade e o campo, a disseminação por vários géneros, romance, novela, conto, ensaio e tradução, o assomar duma cultura densíssima e multímoda, de vasta e partilhada repercussão, desde os autores clássicos remotos e estruturantes, até aos da sua contemporaneidade. Avulta, sobretudo, o esplendoroso domínio da língua portuguesa, a riqueza vocabular e imagética e também a graça, ora subtil, ora vivaz e bonacheirona, cortando de um travo popular a situação mais tensa ou a solenidade mais erudita. Assim palrariam estes arrogantes guerreiros, nos seus tratos bélicos, ou objurgatórias de caserna.

Os gregos, aqui os temos em cheio. Terminada a guerra do Peloponeso, milhares de homens livres, desocupados e sem cheta, deambulavam por essa Grécia fora. O ouro de Ciro, o Jovem, cantou alto e acirrou a vontade de lutar, ainda não inteiramente amortecida, duma imensidão de soldados sem eira nem beira. Para outros, como Clearco, a ambição de Ciro foi a oportunidade de exercer um puro espírito marcial, amante da guerreia pela guerreia. Ser mercenário, pelos vistos, não parecia então desonroso.

Há uma Grécia de bilhete-postal, de harmoniosas colunas brancas ao cimo dum declive macio, harmonizando-se com o sol-pôr,

sobre horizontes amenos. Outra, ainda, que vence o cliché, de circunspectos filósofos e homens públicos, travando razões elevadas na ágora, no pórtico, nos jardins, nas assembleias, mormente sobre questões de ética. Em simpósios, ou banquetes, ditados pelas regras de civilidade, boas maneiras e arte de conversar, esteve presente, entre vários, o dúbio e oportunista Menão de quem Xenofonte, outro dos comensais, não consegue dizer senão mal.

Estes gregos que aqui vemos em marcha não são propriamente alfenins, nem corações floridos. São tirados mais do real que da estilização idealista. Também não são de confiança. A palavra deles vale tanto como poalha de areia ao vento. Nada oferecem sem uma contrapartida vantajosa. Transportam consigo o produto dos saques, tudo a que puderam deitar mão, mulheres roubadas, valores, vitualhas, escravos arrepanhados aqui e além. Em dada altura, a impedimenta arrasta mais de quatrocentos carros. Pilham, incendeiam, roubam, assassinam. São bandoleiros, ratoneiros e, estando perto do mar, piratas. A matreirice vai-lhes na massa do sangue.

Um discurso de Xenofonte, já no final, em terra trácia, resume todo um programa, com muito à-vontade: «como não dispomos de dinheiro, e aqui não podemos deitar mão a nada que não tenha de se pagar, se acham bem, vamos para terras em que os habitantes, menos fortes que nós, não terão remédio senão sustentar-nos».

Valem-se de armamento e organização militar superiores, um poder compacto de choque a que os outros, armados à ligeira, não conseguem resistir. Tudo ali é estruturado e especializado: hoplitas — infantaria pesada; peltastas — infantaria ligeira; arqueiros cretenses, fundibulários ródios, carreiros, corpo médico... Mesmo nos mais novos sobressai a veteranaria da guerra civil grega. Na ordem de batalha avançam em falange, ordenadamente, com passo acertado, formatura estudada, entoando um canto sagrado, o *péon*, que levanta os ânimos e intimida os adversários. Uma nota de contrariedade: o arco dos Carducos (Curdos) cujas flechas lhes hão-de furar escudos e couças.

Dizem que Alexandre Magno usará a *Anábese*, por um lado, como certificação das debilidades do exército persa, por outro, como referencial de itinerário e fonte de informação acerca de diversos povos.

Ainda falta muito para, certo dia, chegarem os legionários romanos, com organização, armas, engenharias, estratégicas e táticas ainda mais elaboradas. E autocontrolo. E disciplina. E sangue-frio.

É que estes gregos são profundamente individualistas, fazem pela vida, não se coíbem de desobedecer, mesmo no auge duma batalha. As arruaças dentro do arraial chegam a tomar aspectos burlescos. Dádiva pessoal? Não vem ao caso. São dotados de sentido prático: é preciso queimar o trem? Queima-se. Depois reconstitui-se, pilhando o inimigo. É preciso cozinhar os animais de tiro? Fazem-se fogueiras com os escudos e lanças capturados ao lado de lá. É preciso passar um rio? Aceitam-se, ponderam-se e discutem-se propostas. É preciso perseguir o inimigo com uma coorte de cavaleiros? Improvisa-se a partir do que houver.

Não poucos são atreitos à traição. Fogem, desertam, cindem, mentem desaforadamente. E quando é caso de fuga, nunca vão de mãos a abanar. Às vezes dá-lhes para a zaragata entre si e costumam a despartar. São crentes, entranhadamente religiosos: não esboçam um passo sem tentar aliciar os deuses com holocaustos, sendo possível, abundantes. A superstição cobra os seus tributos: Um espirro a meio duma conversa, um sonho, um golpe de vento são presságios que tomam muito a sério. Não embarcam numa deliberação sem que os adivinhos consultem as entranhas dos animais. Pode dar-se mesmo o caso de se repetirem consultas sucessivas, até que a previsão coincida, por fim, com a decisão anteriormente tomada.

Mas sobre tudo isto, e sem embargo de reservas mentais, entre os homens livres tudo se decide democraticamente. O soldado mais humilde é chamado a pronunciar-se. E há assuadas, contraditório, votações. Eis — por mais cruel e desabalado que seja este mundo guerreiro — um traço distintivo nítido que para além das muitas terras-de-ninguém separa definitivamente estes homens dos exércitos ou hordas sanguinárias que os cercam, vigiam e lhes saem ao caminho. Entre os gregos, as grandes decisões e responsabilidades tomam-se colectivamente. É a liberdade que, nas palavras de Ciro, eles «têm como sumo bem». Esta a matriz diferenciadora que admiramos e sabemos reconhecer neste nosso espaço e tempo.

Mas também falam de igual para igual, seja qual for a posição que ocupem na hierarquia. Não raro, mostram-se recalcitrantes e, mesmo, inconvenientes. Xenofonte, a cavalo incita os companheiros numa subida íngreme:

« — De cima do cavalo podes fanfar! — lançou-lhe um certo Sotérides de Sicião. Se fosses à pata e levasses o escudo como eu levo, não te mostravas tão farsola!

Mal ouviu estas palavras, Xenofonte deitou-se abaixo do cavalo, empurrou o soldado para fora da forma, e arrancando-lhe o escudo pôs-se a correr ao lado dos outros.»

Em várias circunstâncias, este papel do exemplo é mais convincente do que as palavras aladas. Com um frio de rachar, em plena neve arménia, Xenofonte vence os desânimos despindo-se e começando a rachar lenha.

Talvez todos os homens sejam contraditórios por o paradoxo lhes estar entranhado na natureza. Os gregos predadores, brigões, palradores e vociferantes são os mesmos que conseguem produzir refinados espectáculos de mimo, canto e música durante um banquete, aliás primorosamente descrito. E com vozes femininas também.

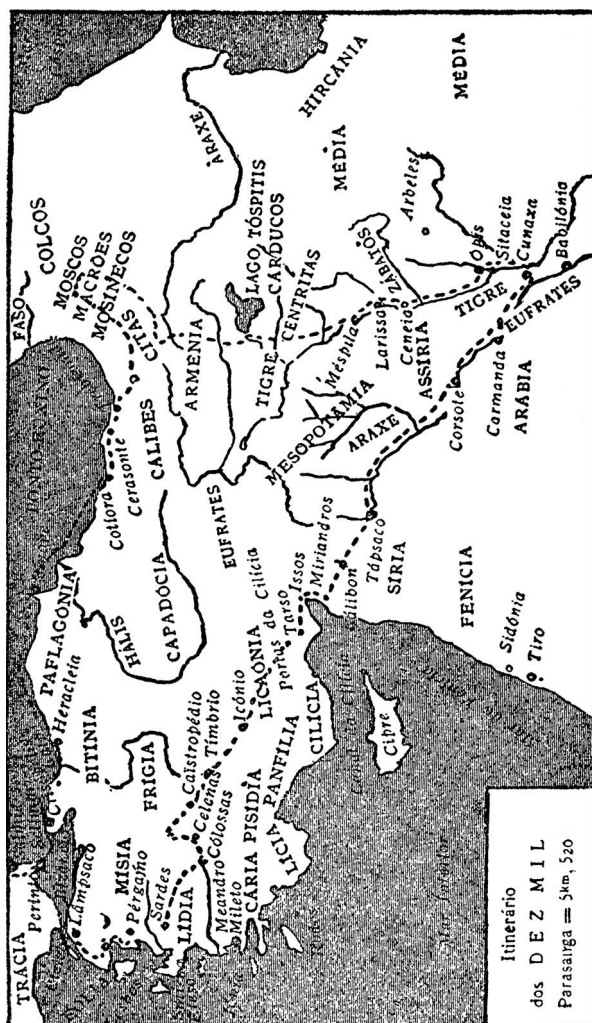
É muito conhecida a corrida alvoroçada da tropa quando um deles avista o Mar Negro de cima duma elevação e dá voz: «*Thalassa! Thalassa!*» O mar, enfim, o mar! Rompe uma nova fase na atribulada marcha dos dez mil, que vão sendo cada vez menos.

Mas além das coloridas reconstituições de batalhas, emboscadas, escaramuças, marchas forçadas, razias, predações, a pena ágil de Xenofonte e a excelência de escrita do seu tradutor dão-nos os retratos perspicazes de Ciro e dos comandantes assassinados à traição pelo sátrapa Tissafernes; a penosa caminhada através de «desertos lisos como o mar»; o relato tenso e alternado de magotes de homens que, de um lado e outro, se precipitam para tomar as cumeadas de um monte; o sofrimento dum exército que desespera de frio, fome e doença numa paisagem nevada; a situação burlesca do mel que enlouquece os militares que dele se apoderaram; os expedientes e falas matreiras para persuadir os soldados a fazer o que não querem; a barafunda que resulta dum levantamento interno, assaz confuso, contra os «fiscais de géneros»; a ponderação da alternativa entre constituir

uma nova colónia ou partir; o difícil, suspicaz e conflituoso relacionamento com as colónias gregas que são encontradas; o acumular de tensão em Bizâncio quando o desastre chega a estar por um triz.

A riqueza e a vivacidade da narração, o encadeamento movimentado de acções e reviravoltas, a sucessão de cenários e de povos, os momentos de ansiedade, os lances espectaculares, e, sobretudo, a saborosa versão em português, são excelentes razões para o reencontro com este livro e com o Mestre Aquilino, numa oportunidade que gratamente se saúda.

Mário de Carvalho
Julho de 2014



Foi em Paris, um ano antes da Grande Guerra — era eu estudante de letras na Sorbona — que travei relações com Xenofonte, natural da Ática, filho dum fidalgo rural de meia-tigela, Grilos. Conbecia-o muito pela rama, dos tempos em que estudei história pelo padre Alves Matoso, autor de consciência larga que principiava com os sete dias da Criação. Apresentou-mo certo francês que não era eclesiástico nem doutorado, pelos vistos, e tinha a unção e sabedoria dum velho mestre sulpiciano, M. Tournier. Este, por sua vez, apareceu no meu caminho como tantos excêntricos que brotam, dir-se-ia, por geração espontânea, do solo fecundo de Paris, ao sabor dum comentário em sala de conferências, ao tomarmos o café nature no Biard, à saída do metro: après vous, monsieu, que não acabou a cortesia em França. Tournier, humanista na acepção rigorosa do vocábulo, possuía razoavelmente o grego e falava quase todas as línguas vivas europeias, e as que não falava lia-as com o discernimento que, à medida que se aprendem idiomas, se vai difundindo duns para outros como em vasos comunicantes.

Devia orçar pelos setenta e sete e cinco anos de idade e, apesar disso, como se tivesse diante de si longa vida ou experiência vasta a cometer, caprichou falar o português. Noutra qualquer pessoa seria aquele um desejo delirante e tema para considerações de ordem humorística. Neste homem, farto de letras e de anos, não. Semelhante gesto, com efeito não mais inútil que tantos outros que a gente positiva pratica a cada passo, estava nele ressalvado pela verdade, descoberta simultaneamente pelos sete mágicos e os sete alfaiates, de que o saber não ocupa lugar. Quis, talvez, prestar homenagem à colónia lusíada do Bairro Latino, a qual, além de o introduzir em sua familiaridade, era generosa com ele, de todo destituído dos bens deste mundo. Muitos portugueses, com efeito, publicistas, médicos, artistas, estudantes, que então faziam estágio em Paris e nas horas vagas abancavam pelos Cafés do Boulevard St. Michel, amparavam-no como podiam.

Vontade tão singular não destoava, pois, naquela personagem, bastante misteriosa, fechada como casa devoluta ou onde morreu alguém, e de que nunca se viria a conhecer o começo e o fim. Tinha parentes; tinha um endereço; onde deitava a enxerga cada noite? Nunca pudemos averiguar, tanto mais que se percebia ser o velho cioso daquela obscuridade, como se escondesse um frade evadido do convento, freguês envergonhado dos asilos públicos, civilizado nómada e rebelde, que prefere o deus-dará à grillheta do cidadão regular, Ângelo Policiano com a capa de S. Francisco. Alto, dobrado da espinha, o que Anatole France chamava bon dos, trazia invariavelmente um casacão de pároco rural, sem cor, luzidio, eterno por acinte da própria pobreza, e calçava botinas enormes, feitas para toda a casta de joanetes, destas que o Francês, que não perdoa a ninguém nem a seu pai estas misérias, chama godasses.

Embora homem simples e afável, não era daquelas fisionomias assoalhadas às quais, desde o primeiro minuto, abrimos crédito largo: havia que superar a quarentena. Não que experimentássemos com ele o frio que revessam certas pessoas, ao conhecê-las pela primeira vez, frio das cisternas alpendradas, de que se não enxerga o fundo. Porventura tal antecipação não representasse mais que a paragem a que obriga uma lápide cheia de caracteres que se não decifram ao imediato lance de olhos. De facto, a vida deste velho, recatada no particular, com as suas sombras melindrosas, tinha traços do maior relevo. Tomara parte na insurreição da Polónia contra a Rússia e como voluntário na luta do Papado contra Garibaldi; fizera a guerra de 70 e carteava-se ainda com dois combatentes alemães, tendo-lhe tocado em sorte ser o seu guarda momentâneo de cativo. E eu todo me extasiava perante aquela galhardia de justadores que punham a fraternidade humana acima das contingências da guerra.

Antigo soldado do Papa, Tournier era católico e monárquico como um chouan. Na qualidade de católico punha o maior esmero em cumprir as obrigações que ordena a Santa Madre Igreja. Mas a sua alma profundamente religiosa não ia até a reversibilidade do zelo sobre o semelhante. O mesmo sucedia com a sua fé política, dum orleanismo inquebrantável. O realista e o cristão amparavam-se, compenetrando-se segundo uma necessidade lógica do seu espírito que às vezes lhe aprazia enunciar. Quando proferia: Monseigneur le Prince, enchia a boca e dobrava a fronte da mesma maneira que se falasse no Santíssimo Sacramento.

Estas qualidades antigas supunham, antes de mais nada; um patriota. Patriota era-o até o reflexo mais remoto de seus pensamentos e actos. Deu provas.

Uma vez que se tinham passado semanas sem que o visse, não sei já porquê, depa-rou-se-me a subir o Boulevard St. Michel em estado lamentoso. Do terraço do Café La Source pude observá-lo cercado de basbaques — as carraças de Paris — de pau no ar como haste duma cruz, a cantarolar um hino sacro. O pobre velho era vítima duma excitação que o levava até o cairrel da demência, assim o juravam os seus trejeitos e gatimanhos. De envolta com a salmodia, glorificava o nome de Monseigneur le Prince, tratando a República de sale Marianne, com as mais facécias costumadas dos camelots du roy. A certa altura do entremez um quidam fez-lhe não sei que achincalhe e ele, enfurecido, mandou-lhe uma chuçada com o pau. Receando eu que o velho encontrasse neste ou noutro sujeito maior energúmeno do que ele, chamei-o e fi-lo sentar a meu lado. E estava a tomar uma bebida, no período de quebra e esfalfamento que têm os possessos e os afogadiços, e eu a sentir naquela enervação as muitas necessidades que o triste havia padecido e transluziam mesmo do seu rosto descarnado e exangue, veio o sujeito que ele defrontara e descarregou-lhe um murro pelas costas. O agravo atingia-me e peguei-me de pancada com ele. Ao cabo da desordem, eu voltei para o meu lugar, o tipo ficou encostado ao quiosque a pingar sangue das ventas, com os mirones à volta. Não queria que o velho me agradecesse a intervenção e as consequentes sensaborias. Mas o que me confundiu foi que, largando-me a mim, fosse acalentar o indivíduo esmurrado, se desculpasse e lhe falasse com ternura paternal. Movimento da sua alma religiosa? É possível. Há ainda a considerar que andava reloucado. Mas acima de tudo pareceu-me ver naquilo uma desafronta ao irmão de raça, ao francês agravado por um métèque, como então se chamava ao estrangeiro.

Fosse que não fosse, era sublimado patriota. Quando estalou a guerra, vi-lhe pela primeira vez quebrar a linha cordata e delicada, criticando o meu sangue-frio e neutralidade. Mas para lá de todos os reticentes atributos era um sábio — sage se diz em francês com uma significação que envolve bondade e inteligência das coisas — humanista que me revelou em Xenofonte o verdadeiro homem de letras e de armas, pio como Eneias porém menos hipócrita, protagonista de aventura como nunca houve segunda em resistência e valor debaixo da rosa do sol.

Uma tarde, depois de termos dissertado a perder de vista acerca da Grécia e dos seus génios mais representativos, e eu lhe haver manifestado o gosto que teria em ler os velhos mestres do Ocidente na língua original, ei-lo que me entra pela casa dentro com um in-fólio vasto e imponente como o Erectéion. Estou a vê-lo, sorriso malin a iluminar-lhe a cara sobre o comprido a que o cabelo ruço, cortado

à escovinha, e a lanugem branca e rala dos queixos e da face — lanugem que não medrava, estava sempre aquilo porque a devia espontar com uma tesoura velha — eram o adequado caixilho do indigente e bom-serás. Nariz afilado, lábios finos, com o regozijo interior chamejava-lhe nas pupilas a palbeta da íris, do mais fino azul-celeste.

— *Que me traz aí, amigo e senhor Tournier?*

À laia de resposta escancarou o cartapácio em cima da mesa e foi correndo as folhas com a mão. Ao tempo eu habitava a Rua Dareau, tão perto do Parc de Montsouris que ouvia a música do carrocel, quando os cavaleiros tomavam o freio nos dentes com os cavaleiros em sela, e se não fora o sussurro de Paris ouviria a própria chilreada das crianças e dos pássaros. Em contraste da Avenida de Orléans, que passava no tope grulhenta e cheia de fuga, ali era regalada pasmaceira, um trecho, da província com jardins seculares a coberto de muros enegrecidos, empresa de recovagem, ferrador, pequenas tendas e casas de capela, por detrás de cujo balcão as donas mal se podiam virar.

— *Aqui tem a obra de Xenofonte, com boa tradução latina, à margem, de Joannes Leunclavius. Adquiri-a no cais por cinquante sous. Para uma edição seiscentista da Lutetia Parisorum, mais barato só um mergulho no Sena. Leunclavius ou Loewenklaui, grande belenista de Amelburne, viveu na primeira metade do século XVI e devem-se-lhe, além da História da Turquia, excelentes traduções do grego. Uma delas é a deste estupendo Xenofonte, philosophus et imperator clarissimus, que parece cortado pelo molde de Ulisses. Com a versão latina à banda, dentro de pouco navega no grego como uma trirreme de Lacedemónia no Helesponto. Deixemos a Ciropédia e vamos direito à Anábasis que se lê tão agradavelmente como a Odisseia.*

Não foi só a mim que o velho Tournier começou a dar lições de grego. Deu-as a outros portugueses, à data habitantes da Rive Gauche, já porque estas doces e inofensivas fantasias sejam contagiosas, já porque fosse aquela a maneira de serem prestáveis ao velho com bizzarria ao mesmo tempo que tiravam alguma vantagem daquele poço de conhecimentos. Um deles foi Francisco de Serpa Pimentel, filho-família a quem não faltavam posses e tinha as suas curiosidades espirituais. Lembro-me da hora em que fui encontrá-lo no seu appartement da Rua Monge acorocado diante da banquinha turca, enterrado em tapetes de Esmirna (estava então na fase do fatcaz oriental depois da viagem que fizera através do Império Otomano) com a Vida dos Filósofos de Diógenes de Laércio em frente. E ao

pé, como o escriba de Ramsés ou antes como Mentor ao lado de Telêmaco, também sobre o traseiro, estava o sapientíssimo Tournier. Com afoito jeito, tal nadador consumado a conduzir para o vasto oceano, um menino pela mão, assim ele lhe ensinava naquela silva filosofal os primeiros passos do grego.

Aqui está como travei relações a fundo com Xenofonte, aristocrata mas sempre civilista, homem de engenho e de armas, mestre na gineta e na cinegética, apaixonado pela acção e a aventura, e cultivando no seu retiro da Élida a lavoura e as letras. Gramática a um lado, texto de Loewenklau a outro, segundo um processo ousado, sui generis, do mestre, atirei-me de cabeça. Não me lembrava já quantas parasangas fizéramos através da narrativa, quando, remexendo há semanas no espólio que trouxe de Paris, tão rescendente que cada objecto dava lugar a uma onda de saudades que me entontecia com seus bálsamos e ressurrectas visões, encontrei dois livros traduzidos e um terceiro começado. A certa altura da vida volta-se, que mais não seja em imaginação, aos antigos amores. Quer por incapacidade de criar novos, quer por um retorno misericordioso do espírito, o panorama do passado empolga-nos mais os sentidos que as perspectivas risonhas do porvir. Assim me aconteceu com os cadernos que eventualmente me caíram nas mãos e me fizeram regressar ao meu Xenofonte de há vinte e cinco anos.

A guerra interrompera os meus estudos do grego e o que aprendi apagou-se mais depressa que riscos na areia. Mas perdurou-me memória bem nítida do que era esta Anábase deliciosa, de linfa pura e estreme, colhida com discutível escrúpulo pelas mãos de mil e um tradutores. Fora devaneio puro abalar-me a pôr pé num mundo morto, sem recessos que não tenham sido desvendados, devaneio filho do espírito de contradição, verdadeiro demónio tentador, ao sentir-me na cidade que é o centro vascular da vida moderna. Seria, porém, bem possível que, ainda sem a guerra, o meu cometimento fenecesse, como nascera, de inconsistente e alado desejo. Mas lucrei ter conhecido o homem extraordinário que é Xenofonte, tão cheio de agilidade mental e física que parece um espelho para o perfeito cidadão de hoje, são de espírito, bem formado do corpo, robustecido na paz para as andanças da guerra, e um punhado de homens vazados em bronze: Clearco, general espartano, fero, recto, militarão, que parece ter ressurgido naquele Mackensen da Grande Guerra, que de uma assentada conquistou a Sérvia e Montenegro e, lançando uma ponte sobre o Danúbio, enquanto o Diabo esfrega um olho avassalou a Roménia; Ciro, que tanto se parece com o imperador Juliano; o impagável Heráclidas, rábula, troca-tintas, intrigante, chefe de fila da pitoresca e variada falange de gréculos em que alinha o Spendius, de Flaubert; Tissafernes, protótipo do

espírito de insídia, felonía e maquiavelismo que vincava o carácter dos déspotas orientais; Sentes, reizete trácio, astucioso e sem vergonha, etc. etc. E, mais do que estes figurantes de alto coturno, lucrei conhecer, de visu pode dizer-se, o grego comum, heróico, resmungão, lambareiro, sensual, pio no meio dos excessos, sempre obsequiador da beleza, com uma das mãos roubando, com a outra imprecando Zeus, pai de tudo, levado ora pelo interesse ora pela glória, e cioso, cioso como ferra, da sua liberdade.

A melhor fonte de energia para o grego, com efeito, pode dizer-se da sua vis na guerra, estava no sentimento e culto que tinha da liberdade. Mais que densa, invocava-a como razão de ser e justificação da existência da própria Hélade. «Quando Xerxes — exclama Xenofonte para os soldados esmorecidos com a traição em que pereceram os capitães — marchou contra a Grécia à testa dum exército inumerável, os Gregos bateram o inimigo na terra e no mar. Por toda a parte ficaram troféus da vitória. Mas a maior prova desse triunfo consiste na liberdade das cidades em que viestes à luz e fostes criados, porque nós não reconhecemos outros amos além dos Deuses.» *Ciro sabe que é essa a corda sensível dos Gregos e é com as seguintes palavras que os exorta antes da batalha: «Só vos peço que vos mostreis quem sois, dignos daquela liberdade que tendes pelo sumo bem e eu prefiro a todas as riquezas.»*

Esta liberdade era-lhe indispensável como o ar que se respira e o Grego queria sentir-se livre, saber-se livre, senhor dos seus actos, árbitro do seu destino, e a cada passo, semelhante ao homem que acorda do sono e se apalpa para verificar que está desperto, tirava a prova. Essa prova pedia-a ao exercício do sufrágio. Assim, durante a célebre retirada, posto houvessem eleito chefes, sempre que se apartavam das directrizes estabelecidas, convocava-se a assembleia dos soldados e deliberava-se. Deliberava-se a propósito de tudo e de nada e votava-se. Era preferível inflectir para o Norte, onde se topava mais que comer, a arrepiar caminho por onde tinham vindo, rota com certeza mais rápida; deviam seguir por mar ou continuar por terra; aceitavam a proposta do tirante que pedia uma demão militar para satisfazer os seus rancores ou ambições, em troca de tais e tais dons — assuntos eram estes de interesse geral acerca dos quais só a assembleia tinha competência para pronunciar-se. Depois que a matéria era dada como suficientemente discutida, uma vez encarada sob os seus múltiplos aspectos, escorreita de artimanhas após a necessária controvérsia, votava-se. Pois que desde que o mundo é mundo ainda se não descobrira melhor como expressão da vontade colectiva do

que o sufrágio, ia-se a votos. O Grego era particularmente dialéctico e não sancionava coisa alguma de olhos fechados. Ciro e depois os capitães que tomaram o comando da coluna expedicionária encontraram-se com homens ciosos dos seus direitos. A educação democrática do Grego persistia debaixo das armas. Rien de plus curieux — escreve Taine — que cette armée grecque, république voyageuse qui délibère et qui agit, qui combat et qui vote, sorte d'Athènes errante au milieu de l'Asie, aves ses sacrifices, sa religion, ses assemblées, ses séditions, ses violences, tantôt en paix, tantôt en guerra, sur terre et sur mer, dont chaque événement éprouve et révèle une faculté et un sentiment.

Foi este amor à liberdade, servido por um entendimento luminoso e aliado à boa compleição física, que deu lugar ao milagre de acção que é a marcha dos dez mil gregos através de seiscentas léguas em terra estranha, triunfando da natureza hostil à força de ânimo, e dos inimigos, bastos como gafanhotos e tão feros como traiçoeiros, à ponta de espada.

Traduzindo Anábase, que assim se chama o livro de Xenofonte, para Retirada dos Dez Mil, cometemos uma infidelidade. Anábase na sua significação léxica quer dizer marcha para o interior. A avançada estaca, porém, ao fim do livro primeiro, para os seis restantes se ocuparem com o refluxo dos mercenários sobre o ponto de partida. O próprio título original não condiz, por conseguinte, com a extensão do feito militar. Chamaram-lhe certos tradutores Expedição dos Dez Mil mais impropriamente ainda porquanto o exército que Ciro concentrou em Sardes e dirigiu contra seu irmão Artaxerxes compunha-se de cem mil bárbaros e treze mil gregos, que eram entre hoplitas e peltastas as suas tropas de choque. De todos os títulos o que assenta mais plasticamente ao sucesso é retirada, tal como é denominado nos compêndios de história.

A Anábase veio à luz sob o pseudónimo de Temistógenes, de Siracusa. Mas, além doutras razões, como não se encontrou citação segunda de tal nome, nem é crível que se tenha perdido obra deste género, está universalmente admitido que o autor é Xenofonte. Se recorreu a nome de empréstimo foi, se não para dissimular a tendência apologetica do escrito, para estar mais à vontade, como opina Croiset, ao falar de si próprio.

Se procurássemos demarcações na Anábase, sob o ponto de vista de género literário, teríamos que até o fim do primeiro livro se trata de correspondência

de guerra, *directa, rápida, com a sua nótnula accidental histórica ou mitológica, como se faz hoje, das em diante* memórias, como é também de uso clássico. De singular na segunda parte há que o memorialista desborda a tal ponto sobre os mais figurantes que estas páginas chegaram a ser classificadas de *patranha deliciosa*. Tiveram um pouco o sestro da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Em verdade apareceu uma Anábase de Sofeneto de Estinfalo, em que Xenofonte ocupa um lugar do insignificante relevo, e Diodoro, da Sicília, ao historiar a retirada dos Dez Mil, refere-se a ele apenas quando assume o comando em chefe, o que não admira dado o restrito espaço de seis páginas que consagra ao assunto. Quando ao encontrar-se apoucado no relato do seu camarada de armas, pondera-se que a emulação era um dos sentimentos que mais atormentavam a alma dum grego e que daí até a inveja, a inveja que não deixa medrar, não vão grandes passos. De resto, o Xenofonte negado por Durbach, primeiro, por Couvreur e Maqueray, em seguida, homem de claro entendimento e de bom senso ordenados, dialéctico hábil, simples de maneiras e ao mesmo tempo bizarro, avisado e animoso no perigo, sempre valente no ataque, sobrevive à aventura dos Dez Mil. É o mesmo que ressalta dos escritos vários que compôs mais tarde — e nunca estilo revelou com tanta precisão uma personalidade — mais objectivamente, ainda, o que na qualidade de estratégico de Agesilau, podíamos dizer chefe do seu estado-maior, anos depois derrotou Tissafernes e Farnabaz. Discípulo de Sócrates — a dedada do mestre admirável descortina-se a cada passo no seu carácter e no seu espírito — feito às armas e à guerra, tudo concorria nele para ser o cabecilha que soube conduzir os concidadãos através do formigueiro asiático assanhado. Nada, pelo contrário, antes ou depois, desmente nele essa vocação. A narrativa, para mais, sua o sangue da sinceridade. E, se o livro regurgita da própria pessoa, fá-lo no legítimo direito do mais inteligente, do mais forte, do que mais soube corresponder aos requisitos tácticos e morais da retirada, cérebro sempre em função, o primeiro a investir e o derradeiro a fechar a marcha.

Se em rigor a Anábase se pode dizer compósito, sob o ponto de vista psicológico do protagonista não menos há diversificação. Até à chegada ao Monte Santo, do alto do qual os expedicionários soltam o grito desafogado: *Thálassa! Thálassa!* cada episódio ressuma vontade e um optimismo salutar. Dali em diante dir-se-ia que mudou a alma dos figurantes, se não é a alma do general e cronista que mudou. Em verdade, os gregos até ali sacrificavam à esperança seus ódios, suas invejas, sua indisciplina, sua cupidez, e agora têm a certeza de volver à sua terra. O perigo desvaneceu-se, ou assim o presumem, e os individualismos levados ao

exagero, a vontade dum sempre mais tenaz que a vontade dentro, a opinião ciosa de não ceder à opinião, tomam a supremacia, e perante aquele mundo tresmalhado e rendido às solicitações de toda a ordem, a melancolia de Xenofonte transparece. E quando não transparece a melancolia é a sua inconformidade que reage. Como não, se via o crepúsculo descer para a epopeia?!

Mas que foi a retirada dos Dez Mil? Ai quatrocentos anos antes da era cristã, a Grécia não tinha ainda acabado de convalescer das feridas que lhe deixara a guerra chamada do Peloponeso, em que, durante vinte e sete anos, renhiram de morte as duas principais comunidades helénicas: Atenas e Esparta. A guerra acabou com a hegemonia de Atenas graças aos auxílios de toda a ordem que prestou aos Lacedemónios Ciro, filho do rei da Pérsia, sátrapa da Lídia. O homem que durante lapso tão considerável de tempo terçara as armas dificilmente se habituava aos labores da paz. Daí o pulularem pelas terras do Helesponto, Quersoneso e Tessália os ociosos e inadaptados, prontos a seguirem o balsão do primeiro que lhes untasse a pata. Precisamente foi entre eles que o príncipe, de que falámos, mandou os seus comissários recrutar homens com o intuito de formar um exército que lhe permitisse bater o irmão e sentar-se no trono da Pérsia. Do Peloponeso à Ásia Menor, tanto no continente como ilhas, arrebanhou quanta gente lhe apareceu. Deste jeito conseguiu reunir treze mil homens de nacionalidade grega que, repartidos em hoplitas ou infantaria pesada, peltastas ou infantaria ligeira, constituíram as suas tropas de choque.

Estas forças, somadas aos cem mil asiáticos de todas as armas, que tinha debaixo das suas ordens, romperam marcha de Sardes contra os Písidas, fez ele constar, a fim de puni-los pelas incursões que faziam amiúde no território do seu governo. O sátrapa vizinho, Tissafernes, é que desconfiou de aparato guerreiro tão descomunal e em desproporção com o fim que se propunha, e despediu a marchas forçadas avisar o grande-rei. A primeira parte da Anábase é isto, o avanço sobre Babilónia do exército de Ciro, jornada por jornada, com seus episódios pitorescos, tais como a parada das tropas ante a rainha Epiaxa, as lágrimas de crocodilo de Clearco, a batalha de Cunaxa, onde Ciro, valoroso mas temerário, perdeu a vida. No dia seguinte ao da batalha, com os gregos vencedores mas assombrados em pleno império persa, começa a grande rapsódia da Anábase, a retirada a valer. E os lances de tragédia e de farsa, de bravura e de beleza sucedem-se, temperando-se as lágrimas com o claro riso pelásgico, às horas de provação infinita Ate-neia acudindo sempre com olhar radioso a preservar os seus do desânimo letal.

O massacre dos capitães gregos, Xenofonte nu no meio da neve a rachar lenha, o holocausto à beira do rio Centritas com homens e mulheres despidos, de roupa à cabeça, prontos para se meterem à água, em roda do sacrificador de coroa de louros na frente; as comezainas nas aldeias arménias com a soldadesca meia ébria, fazendo-se servir por mímica, e muitos outros lances e discursos e belos ditos, dum aticismo saboroso, faltaram na Odisseia para a Anábase ser o segundo livro universal na acção e no sentimento.

A retirada dos Dez Mil, como muito bem futuravam os Gregos, exaltou a Grécia. «Porque não havemos de conquistar o império opulento e fabuloso, onde as riquezas andam aos pontapés, se os seus guerreiras não conseguem dominar um punhado de inimigos surpreendidos de portas adentro?» E Esparta rompe em guerra contra a Pérsia imensa. Agesilau, que tem Xenofonte como lugar-tenente, derrota a Tissafernes com a sua cavalaria no Meandro, depois a Farnabaz e devasta-lhe a satrapia. Tissafernes, a perfidia personificada, é decapitado às ordens de Artaxerxes em castigo da derrota. Agesilau conquistará a Ásia Menor toda. Mas eis que o chamam para defender Esparta atacada pela conjura de Atenas com as mais cidades gregas.

— São trinta mil archeiros do grande-rei que me lançam fora da Ásia — exclama Agesilau aludindo à efígie dos dáricos, dinheiro que a Pérsia semeava pela Grécia para mover as cidades e Atenas à luta.

Neste ano da graça em que a guerra lavra aqui e além, feroz e sem respeitar património ou coisa sagrada, como velho, mulher ou criança; que a Europa está, pode dizer-se, em vigília de armas; que a defesa de povo para povo se estriba na vontade de ser e no potencial militar que não no direito, virado pela metamorfose diplomática a versicolor ou descaradíssima burla; que em cada nação se assiste ao apelo desesperado das energias mais profundas — talvez não seja descabido rememorar a lição que nos dá um núcleo de gregos, nossos avoengos da latinidade, em que se encontraram reunidas as virtudes que são condição de independência e autonomia dos povos: robustez física e gosto de viver, razão clara, enraizamento no solo natal e amor à liberdade.

Cruz Quebrada, Maio de 38.

AQUILINO RIBEIRO